

TEMPO

DE

CONTOS



POEMAS

AMAR



VOL. VI

Ademir Pascale
organizador

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-00-52913-5
2022
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO CONTO OU POEMA

AMIZADE, POR ADRIANA RUIS, PÁG. 05
UM AMOR QUE AGRADA, POR ANDRÉ LUIZ MARTINS DE ALMEIDA, PÁG. 07
GRATIDÃO, POR CLEITON LOPES DA CUNHA, PÁG. 09
O BAILADO, POR JOYCE GOMES, PÁG. 12
GUITARRA FLUTUANTE, POR JOYCE GOMES, PÁG. 15
O ASTRONAUTA, POR JOYCE GOMES, PÁG. 18
A DEUSA DO AMOR, POR MAURO M. MASSUDA, PÁG. 22
SIMPLESMENTE E ETERNAMENTE, POR MEIRE MARION, PÁG. 28
AMIZADE SINCERA, POR NATAN OLIVEIRA FERREIRA, PÁG. 30
NAYANA, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 32
AMIGO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 37
MÃE, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 40
AFINAL, O QUE É?, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 42
TEU AMOR, POR SUELEN FARIAS, PÁG. 44
UMA AMIZADE PECULIAR, POR YUIT DISTÉFANO, PÁG. 47
A PROCURA, POR YUIT DISTÉFANO, PÁG. 52
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 56



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD



TEMPO DE AMAR

VOL. VI



Apresentamos o Poema

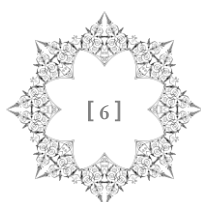
Amizade

Por Adriana Ruis

Sobre a autora: Paulistana, residente em São Paulo, funcionária pública municipal. Começou a escrever poesias em 2020, inspirada pelas obras de Vinícius de Moraes.



Ter amizade sadia
É ter uma dádiva
É andar sobre a via
É escrever na página
É sonhar em ser feliz
É ganhar na loteria
É encontrar um perdiz
É fazer uma magia
É comer comida boa
É vestir o que cai bem
É se equilibrar na canoa
É esperar que sorte vem





Apresentamos o Poema

Um Amor que Agradá

Por André Luiz Martins de Almeida

Sobre o autor: Nasceu em 21 de janeiro de 1970 no Rio de Janeiro, mora em Queimados desde a infância, mas já morou em outro Estado como Rio Grande do Sul, na cidade do Rio Grande. Aprendeu poesia nos livros e se inscreveu no Varal de literatura na E.E. Dom Bosco em 1986, com seu primeiro poema e recebendo um certificado de participação, em 1987 passou a escrever continuamente.

Militar desde 1988, atualmente está na Reserva da MB e membro ativo da PIBQ (Primeira Igreja Batista de Queimados) desde 2014. Publicou seu primeiro poema inédito escrito em 2015, para o Concurso Novos Poetas - Poetize 2016 da Editora Vivara Nacional. Publicou o primeiro livro "Antologia Poética -Aspiraões de um Discípulo" em 2019 e "Antologia Poética -Exortações Inspiradas" pela Drago Editorial em 2020 e "Adoração Poética" pelo sistema KDP da Amazon em 2021.



Trilhe o caminho do amor que venceu o pecado.

Seja um discípulo que deseja ser dedicado.

Para um amor que agrada, ser preparado.

Podes acompanhar todo seu desenvolvimento.

O sentimento reage e evolui com o seu aprimoramento.

O amor que refletes vem do seu comportamento.

Com isso, pode tornar-se ou não influente.

Para ser um amor que agrada, tem que ser aparente.

O Cristão, além disso, não pode ser indiferente.

Tanto às sociais, quanto às outras demais questões.

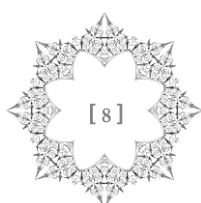
Somos responsáveis em todas as intenções,

Contudo, ainda, há aqueles que dependem de atenções.

Um amor que agrada com realizações e praticidade.

Espalha-se em qualquer meio com vigor e vitalidade.

Sem muito esforço, com alguém com carisma e habilidade.





Apresentamos o Poema Gratidão

Por Cleiton Lopes da Cunha

Sobre o autor: Nasceu em Pedro Leopoldo-MG, em 03 de janeiro de 1978. Começou a escrever desde seus 14 anos de idade. Grande admirador dos Poetas locais e dos escritores renomados, se identificou mais com o gênero da Poesia. Influenciado pelos mais diversos estilos e Poetas, destaca-se como uma grande influência de alguns escritores(as) como: Florbela Espanca, Cecília Meireles, Clarice Lispector, entre outros. Publicou 6 livros, entre eles, 4 de Poesias: "Olhar Poético", "Melancolia", "Ensaaios Poéticos", "Entre Eu & Você" e "Poesia Completa".



Viva cada dia
como se fosse o último
Ria de si mesmo
Seja seu próprio Fã
Isso não é egocentrismo
Isso é autorrealização
Gratidão

Brinque
Ria e faça os outros rirem
A vida é muito preciosa
para se viver todos os dias
da mesma forma

Permita-se
Viva
Se realize
Rompa seus próprios limites

Supere as barreiras
Mas não se perca no caminho
Ou se perca, somente por alguns instantes

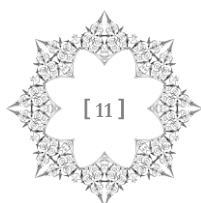
Não perca o equilíbrio
Não perca a vontade de lutar
De vencer

Não perca a vontade de AMAR
De amar a si mesmo
De Amar o outro
De Amar a vida no seu Sentido mais amplo da existência

Se permita
Se supere
Resista às intempéries
Lute contra os percalços

Siga em frente e não olhe pra trás
Caminhe sempre
Mesmo que descalço
Com os pés machucados
As mãos calejadas
E cansado de lutar

Você vai superar
Você vai vencer
Acredite
E seja imensamente grato
Porque no final você vai ver que nada foi por acaso
Nada foi em vão
Seja assim
Assim seja
Gratidão





Apresentamos o Conto

O Bailado

Por Joyce Gomes

Sobre a autora: Professora da Rede de Ensino de Poá, Graduada em Letras (UBC) e Pedagogia (Centro Universitário Braz Cubas). Foi voluntária, de 2011 a 2013, como Secretária na Diretoria Executiva, bem como na Comunicação da Instituição Cultural Sem Fins Lucrativos Associação Cultural Opereta. Recebeu convite e teve 10 poemas publicados na coletânea "Palavra é Arte", da Cultura Editorial (2014). Atualmente desenvolve os blogs Balcão da Arte, Guitarra Flutuante e Joyce Gomes: Professora e Publicitária.



Um casal de jovens abraçados dança em meio a uma sala quase vazia. O menino, na convicção de achar que sabe dançar, conduz a menina. E ela, assume não saber dançar, e deixa estampado em seu rosto.

Ah! A música... Hoje em dia não se ouve tal preciosidade. Hoje os jovens querem mesmo as músicas mais agitadas, mas nessa época ainda não era assim. Ele era desajeitado e ela era delicada. E o cantor seguia o ritmo de melodia...

Ah! A música... Ela era uma música bem calma, tranquila. Era uma música que parecia entregar os reais sentimentos. Mas, na verdade nada entregara a não ser um menino desajeitado achando que sabia dançar. E uma menina que não escondia que não sabia e se deixava ser conduzida por ele.

A música acaba.

O sonho termina.

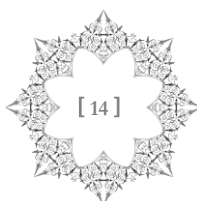
E cada um desaparece, reaparecendo num outro ponto qualquer, em algum lugar da cidade. Ela se encontra acordando dentro do ônibus. E ele andando por aí. Ela avista o seu ponto de descida. E ele para sem saber para onde ir. É noite. As luzes nos postes pouco iluminam as ruas. A lua? Onde estará? Deve estar no céu, mas escondida por aí.

Ambos caminham sabe-se lá para onde. Eles seguem. Talvez estivessem sendo guiados pela intuição ou não. Talvez estivessem seguindo para a casa ou para a escola. Quem sabe? Nem mesmo eles sabiam. Apenas seguiam.

Num quarteirão qualquer, depois dela ter descido do ônibus e ele ter perambulado pelas ruas de seu bairro, eles se trombam... Trocam olhares como se já tivessem se conhecido antes, mas essa era a primeira, por assim dizer, trombada. A fala solta quase que uníssona diz a mesma coisa:

— Eu te conheço dos meus sonhos!

Para qualquer pessoa que visse essa cena, acharia que fosse apenas uma paquera. Mas eles não. Eles sabiam, pois haviam se encontrado antes, naquela sala, em meio àquele devaneio quase coletivo.





Apresentamos o Conto — Guitarra Flutuante

Por Joyce Gomes

Sobre a autora: Professora da Rede de Ensino de Poá, Graduada em Letras (UBC) e Pedagogia (Centro Universitário Braz Cubas). Foi voluntária, de 2011 a 2013, como Secretária na Diretoria Executiva, bem como na Comunicação da Instituição Cultural Sem Fins Lucrativos Associação Cultural Opereta. Recebeu convite e teve 10 poemas publicados na coletânea "Palavra é Arte", da Cultura Editorial (2014). Atualmente desenvolve os blogs Balcão da Arte, Guitarra Flutuante e Joyce Gomes: Professora e Publicitária.



Era sábado com aquela deliciosa brisa gelada outonal que ecoava nos mais variados lugares. Sábado como qualquer outro para todos, menos para mim. Era mais um dos muitos sábados que uma certa figura me chamava, um certo aparelho que me enlouquecia com apenas uma voz que se encontrava calada. Era um sábado... sábado em que chamava a fala sedutora daquele rapaz pelo telefone. Não era mais um sábado como os outros já ocorridos. Era um sábado, véspera de domingo, véspera dos Dias das Mães... Enfim, era um sábado que me chamava diretamente para conversar com um telefone que não possuía vida própria senão por intermédio de uma voz... Era apenas um sábado outonal que me seduzia com apenas um aparelho que não falava, mas, que seduzia...

Aquele telefone que era frio na aparência, mas que por de trás ardia num derradeiro esplendor que jamais se repetirá. Aquele discurso sedento de atenção conduzia-me na mais inocente malícia para algo totalmente memorável. Aquela voz ganhava minha persistência e dava o mapa de sua mina.

Meu olhar à janela, devia estar reluzente, avistava a quem queria bem, acompanhado de alguém ocultado no telefone. Fora ocultado para não perder a guerra da persistência que na mais pia inocência eu cedia. Fitei-o, contemplei seu olhar clamando por sua presença naquela rua vazia de habitantes. Onde ecoava na esquina mais próxima uma música familiar, uma música que desde bebê eu ouvia...

Arquitetava mil e uma coisas dentro de meu cérebro. Ouvia sem ouvir. Olhava sem olhar. Tímida com aquela presença desconhecida. Com o coração nada ponderado. Indagando a minha presença numa hora nada propícia para uma conversa a dois.

Meus lábios sedentos de água naquela rua deserta, sob um sol decadente... Minha mente demente perguntava sobre minha presença estimulada sabe-se lá pelo quê...

A inocência ao ouvir sobre a atual pequena, a nova namorada, fez-me crer que era hora de abandonar o navio. Procurar ganhar a rua, ganhar a hora atrasada do serviço. Mas estátua eu era! Observava aquele olhar empoleirado no muro, admirava aquele dedinho mindinho que era o mais gigante no meu coração. Contemplava aquele jeito encantador. Circulava meu olhar por seu corpo para mais rápido voltar naquela boca que, um dia quis muito beijar com ardente paixão.

Sua mente planejava alguma coisa que eu desconhecia. Entrou em sua casa. Eu fugia devagar. O seu amigo avisou da minha fuga. Escondi. Telefonou. Esperei escondida

indagando a sua volta. Seu amigo avisava da minha partida, enquanto eu caminhava lentamente esperando à volta do meu tesouro que não tardou a aparecer.

Sua indagação sobre minha saída fugitiva questionava com aquele meu anel entre seus dedos. Extorquia-me um beijo que tanto quis dar, cobrava um beijo que eu não sabia como ganhar. Estranha era aquela sensação mas, mais doce era a ideia que me cativava. Pressionava-me com aquela argolinha entre os dedos pedindo apenas um beijo em sua face, um beijo mais formal. Mesmo queimando na minha mente a resposta; ainda, hesitante, estava.

Procurava uma distração para nada responder. Ganhava tempo para algo que não sabia como entregar. Seus lábios secos assim como os meus, ainda indagavam uma única atitude ou afirmação. Era apenas um beijo formal, nada mais. Hesitei tanto devido apenas um beijo amigável. Enquanto se afastava com aquele objeto na mão... Seria um beijo nada promissor...

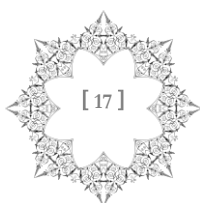
Sua boca pronunciava, apenas, um beijo no rosto. Já estava eu confiante na decisão. Sua mão mostra o anel. Aproximava do seu corpo para beijar-lhe a face. Não sei qual química me afetou, qual lhe afetou, mas... Abri os meus olhos e não acreditei no que havia feito. Parecia ser um sonho, mas, não era... Primeiro beijo... Primeiro tímido toque labial...

Aquela mão com dedos calejados acompanhado de um tom tão agradável puxava-me contra seu corpo, encostava-se à parede... Outro toque.

Meu compromisso já bem atrasado me chamava. Seu amigo saía de dentro daquele casulo. Ganhava eu, aquela rua, para minutos mais tarde levar sermão do patrão.

Mas eu não andava, flutuava! Meu primeiro beijo, primeiro beijo com... Escorria a tarde, mas meu pensamento era fixo: era sua guitarra e não sabia!

Era sábado, nada mais do que um sábado véspera de Domingo, véspera do Dia das Mães. Véspera do Dia das Mães, mas quem ganhou o presente foi a filha...





Apresentamos o Conto

O Astronauta

Por Joyce Gomes

Sobre a autora: Professora da Rede de Ensino de Poá, Graduada em Letras (UBC) e Pedagogia (Centro Universitário Braz Cubas). Foi voluntária, de 2011 a 2013, como Secretária na Diretoria Executiva, bem como na Comunicação da Instituição Cultural Sem Fins Lucrativos Associação Cultural Opereta. Recebeu convite e teve 10 poemas publicados na coletânea "Palavra é Arte", da Cultura Editorial (2014). Atualmente desenvolve os blogs Balcão da Arte, Guitarra Flutuante e Joyce Gomes: Professora e Publicitária.



As mensagens eram trocadas. Não havia preocupação com quem estava atrás do outro lado da tela. O acesso a computadores e internet era quase incomum. Para conseguir acesso, era necessário um cabo de telefone conectado ao computador. E, é claro, o número de uma central de telefone para transmitir os dados. O computador fazia um som diferente anunciando que estaria sendo conectado à internet.

Camila acessava constantemente a única rede social que existia na época em busca de novas amizades. Em sua primeira busca, encontrou uma garota com o mesmo nome e sobrenome. Mas como tudo era novidade, ficou na dúvida se era ela mesmo que estaria respondendo. Ela se divertia. Perguntava algo e ela mesmo respondia sem saber da resposta... E pensava consigo diante da descoberta “Que engraçado! Encontrei alguém com o mesmo nome que eu e não sou eu!”

Assim era o bate-papo, bem como a internet. Hoje já nem existe mais papo, e as conexões discadas não existem mais.

Mas, Camila não parou na conversa com sua xará. Outro dia conversava com outro e depois com outro. Pouco a pouco foi desbravando toda essa área desconhecida.

Camila gostava de conversar, mas, apenas tinha curiosidade em conhecer aqueles que tinham papos mais interessantes. Como toda pessoa esperta, não era qualquer papo que prendia a sua atenção. E essas pessoas que a cativavam, ela marcava encontro na frente de uma revistaria que existia no shopping. Na frente dessa loja, ela conheceu: Carolina, Rita, João, Felipe...

Cada pessoa era única. Cada nova descoberta, singular. Cada uma dessas pessoas com algo similar a Camila. Uma pessoa gostava de Heavy Metal, outra de filmes, outra de...

E numa dessas, mas não no mesmo lugar, conheceu um astronauta. Esse era o apelido carinhoso que dera àquele que a cativara. Era astronauta porque voava pelas ruas, onde todos andavam.

Mas ela, não dera muita atenção a ele de início, pois julgava gostar de outra pessoa...

Nesse dia que o conheceu, ela tivera um sonho. Talvez fosse o sonho mais concreto que poderia ter. Nesse sonho, ela estava num parque aquático. E nesse parque aquático, aparecera esse rapaz. Sentia como se o conhecesse há tempos, porém, nunca teria o encontrado antes.

No entanto, à noite, combinara de conhecer esse amigo virtual. Combinaram de que ele passaria em sua casa. Ela ansiosa, ficava se indagando "Será um bandido? Um estuprador?" Entretanto, como todo jovem, Camila não pensara muito nas consequências.

O rapaz tocou a campainha e Camila foi atender. Havia um carro parado à frente de sua casa com dois rapazes fora dele. Ao se deparar com o seu amigo virtual na vida real pensou "que garoto bonito! Será que ele é legal também?"

— Esse é o meu primo. — Apresentou-lhe um rapaz alto, magro, moreno claro. Este cumprimentou-a e, no instante seguinte, indagou-a — Vamos para algum outro lugar?

Sem questionar muito, como sempre costumava fazer, foi. Entraram no carro e seguiram por um caminho, depois tomaram outra rua e outra... chegando a uma viela, num bairro um pouco mais distante da casa dela. O primo desceu do carro, tocou a campainha e saiu uma garota.

— Hoje não poderei sair. — disse ela ao primo — Só poderei ficar aqui.

O primo e a garota ficara do lado de fora papeando, se beijando. Enquanto, Camila e o astronauta ficara em seu interior, e ele colocara algumas músicas para tocar no CD Player do carro. A conversa fluía. E Camila lembrava do sonho e sentia uma sensação forte de déjà vu. Parecia que conhecia aquele rapaz há tempos! Mas, na verdade, aquele era apenas o primeiro encontro...

De repente, ele interrompeu-a em seu devaneio e disse-lhe:

- Se a mãe dela perguntar, não diz que nos conhecemos agora, fala que somos namorados. Ok?

Camila refletiu por um pequeno instante. Sabia que não era namoro coisa nenhuma, pois encontros casuais eram chamados de "ficadas". Mas, então a conversa fluía. E os olhos entregaram o real desejo de ambos... Um clima de romance pairava no ar e, de repente: O Beijo! Nesse instante, Camila sentia seus pés e seu corpo flutuando: o beijo era igual ao do sonho!





Apresentamos o Conto — A Deusa do Amor

Por Mauro M. Massuda

Sobre o autor: Paulistano nato, formado em Administração de Empresas, leitor desde a mais tenra idade, e escritor nas horas vagas. Pai de uma filha adorável, que é a sua principal plateia para as histórias que cria, mas também interessado em temas como política, ficção-científica, mundos de fantasia, sempre atrás de sua própria jornada de herói.



Fazia muitos anos desde a última vez que eu havia visto Isaac. Ele tinha um aperto de mão firme, risada fácil, e costumávamos passar horas discutindo assuntos diversos. Era capaz de falar sobre qualquer assunto, animava as rodas de conversa, seja nos corredores da faculdade onde nos conhecemos, ou nas mesinhas dos bares que frequentávamos.

Confesso que não sou o tipo de manter amizades. Como um marujo em um navio, faço amigos enquanto passamos pelas tempestades, nas jornadas para ilhas distantes, ou para sobreviver a um ataque de submarino em meio a uma missão de guerra. Mas depois de atracar no porto de destino, raras vezes volto a ver meus antigos companheiros de viagem. Mas volta e meia tenho reencontros inesperados.

Foi um esbarrão acidental, em uma avenida da cidade, em meio a um dia de trabalho. Pedi desculpas ao estranho pela minha distração, e recebi um “não está me reconhecendo?” como resposta. A princípio não o reconheci, Isaac estava mais magro, e passara a usar bigode. Depois de um abraço caloroso, procuramos uma cafeteria para colocar a conversa em dia. Um cappuccino e meio depois, eu sabia que ele havia começado um negócio próprio, trabalhava em casa, mas realizava reuniões semanais no escritório de um parceiro comercial. Uma delas ocorrera algumas horas antes. Provavelmente teríamos nos esbarrado mais cedo ou mais tarde, pois eu estava trabalhando em uma empresa ali perto, e não raro me encontrava andando pelo calçadão, a procura de uma cafeteria para poder espiares as frustrações da vida corporativa.

“E a maior, cara, estou casado!” disse Isaac, abrindo um sorriso de orelha a orelha.

Puxou o celular e mostrou uma foto. Uma linda mulher, loira de olhos azuis, sorrindo com candura. Dei meus parabéns, e ele esclareceu que havia conhecido Afrodite – que nome para uma beldade! — um ano depois de sair da faculdade, em um evento da firma onde trabalhava. Ela o colocara “nos trilhos”, quase como se fosse um enredo de novela, e dois anos depois estavam no altar, trocando votos e alianças.

Aquilo me incomodou um pouco. Ele parecia alegre, entusiasmado com seu trabalho e o casamento. Eu, solteiro, e me perguntando que crime tinha cometido para ser condenado a ficar na empresa onde eu estava. Pura inveja, reconheço.

“Ei, que tal um happy-hour? Assim, posso conhecer sua deusa grega,” eu propus em tom de brincadeira, tentando me animar com a bonança que se abatera sobre a vida dele.

Isaac girou a colherzinha dentro da xícara de seu cappuccino bebido pela metade. “Um happy-hour?” perguntou, evasivo. “Sabe, é que ela não é muito chegada em

barzinhos, em baladas... Está tarde, né?” Isaac checkou as horas no relógio, e franziu o cenho.

Trocamos cartões de visita, ele pegou suas coisas e se despediu. Fiquei ali parado, olhando a garçonete retirar as xícaras vazias da mesa, enquanto Isaac desaparecia no meio da multidão. Repassei a conversa em minha mente, e notei que, de fato, meu amigo falara muito pouco sobre a esposa, quase nada, de fato. Mais tarde, meu celular apitou com mensagens dele, se desculpando pela saída abrupta. Propôs um jantar na casa dele no próximo sábado, o endereço estava no cartão que deixara comigo. Dei um OK.

De repente até fazia sentido, a tal Afrodite devia ser do tipo caseira. Só não imaginava um bon-vivant como Isaac casado com alguém que não curtisse o circuito cinema-restaurant-balada todo final de semana, o tipo de programa que era a cara dele. Difícil vê-lo sentado no sofá da sala, tomando chazinho, embaixo de uma coberta.

“É, as pessoas mudam,” pensei comigo mesmo. Talvez a tal Afrodite tivesse feito do meu amigo baladeiro em um respeitável “dono de casa”, do tipo que anda de um cômodo a outro usando pantufas e avental. Isso teria requerido poderes divinos.

Chegou o sábado. Fui até a casa do Isaac com o kit padrão de visitas: vinho para ele, flores para ela, acho descabido visitar amigos de mãos vazias. Era um bairro simpático, cheio de sobrados germinados, jardins floridos, uma praça meio abandonada, casas de repouso para idosos, um lugar tranquilo enfim. Talvez fosse um daqueles bairros de aposentados, onde o supermercado local tem mais marcas de fralda geriátrica do que para recém-nascidos.

Apertei a campainha, e Isaac atendeu a porta, sorridente, com um avental na cintura. Sorri para mim mesmo. Dei-lhe a garrafa de vinho e olhei ao redor, segurando o buquê de flores para a anfitriã vinda dos deuses da Grécia. “Cadê a sua Afrodite?” perguntei.

“Ela já vai se juntar a nós”, respondeu Isaac, indicando o sofá com um gesto. Alguns quadros na parede, nenhum tapete no chão. Uma senhora apareceu em uma porta, me deixando um pouco desconcertado. Talvez fosse sua sogra? Não havia presente para sogras no meu kit padrão de visitas.

“Ah, esta é a Dona Rita, ela nos ajuda aqui”, explicou Isaac, aumentando minha curiosidade. Seria uma faxineira? Cozinheira ou algo assim? Ela me cumprimentou, sem muitas palavras, apenas sorrindo.

“Posso trazer a Dona Afrodite, seu Isaac?” perguntou a senhora. Meu amigo acenou

com a cabeça, e dona Rita desapareceu por outra porta. Ouvi alguns resmungos, meio guturais, e percebi que havia algo que meu amigo não pôde explicar no outro dia.

A cadeira de rodas entrou primeiro, empurrada pela dona Rita. E sentada estava uma mulher curvada, jovem, na casa dos trinta anos. Vestia um conjunto simples de moletom cor-de-rosa, talvez um ou dois números maior do que deveria. Mais confortável do que bonito. Os braços estavam curvados para dentro, próximos ao seu tronco, e suas mãos fechadas, com as unhas pintadas com esmalte vermelho brilhante.

“Oi, Amor, é o meu amigo que veio nos visitar”, falou Isaac. A mulher sequer se mexeu na cadeira. Observei ele se agachar e olhar em seu rosto, e então esticou os braços, como se fosse abraçá-la. Apoiou uma das mãos nas costas dela, e com a outra acariciou-lhe a face. Afrodite se contorceu, e sua boca se abriu, exibindo um sorriso de marfim, junto com um fio de saliva. Isaac puxou um lenço do bolso, e a limpou.

Levantei-me do sofá e me aproximei, e Isaac, com um aceno, me pediu para me abaixar. Afundei o joelho no piso frio da sala, e me apresentei. Ao notar o estranho em sua casa, Afrodite ergueu a cabeça com um movimento súbito. Isaac a segurou, e sussurrou em seu ouvido: “Calma, é aquele amigo meu,” e falou meu nome. Afrodite tinha o rosto magro, e os olhos azuis pareciam mais claros ao vivo do que na foto. Ela sorriu, balançou a cabeça, se acalmou.

Isaac pegou o buquê que eu tinha nas mãos, me poupando o trabalho de descobrir o que fazer com ele. Sorriu, tornou a se ajoelhar, e mostrou as flores para ela, dizendo algo em seu ouvido. Afrodite sorriu de novo, e se agitou um pouco, parecia que ia vomitar, mas saíram apenas sons guturais de sua boca. Meu amigo colocou as rosas que eu trouxera próximo as suas mãos, e vi ela agarrar uma das flores e apertar firme. Solto mais alguns barulhos, e mais um fio de saliva. Dona Rita interveio, e tirou as pétalas esmagadas de entre seus dedos. Isaac olhou para mim em silêncio, sorriu, e explicou, “ela está dizendo obrigado pelas flores.” Eu apenas sorri de volta. Não sabia mais o que fazer.

Seguimos para a cozinha, Isaac ia manobrando a cadeira de rodas. Descobri que a dona Rita morava lá, e era uma mistura de enfermeira e cozinheira, cuidando de Afrodite enquanto Isaac trabalhava. Havia uma faxineira que ajudava durante o dia, e uma outra enfermeira que revezava durante os finais de semana. Uma das casas de repouso do bairro a recebia quando necessário. Isaac me explicou tudo isso enquanto servia uma papinha para a esposa, em movimentos lentos e pacientes. Ela comia bem se fosse alimentada bem devagar, ainda que o babador cheio de manchas indicasse que as

colheradas, às vezes, escorregavam para fora da boca. Dona Rita assumiu a colher, e disse em tom de autoridade, “minha vez, Seu Isaac, dê um pouco de atenção ao seu amigo.” Ela chamava Afrodite de “meu anjo” e “minha querida”, quase como uma mãe.

Sentamos na ponta oposta da mesa. A refeição era lasanha e frango assado, de uma padaria ali perto. Isaac leu em minha cara o que eu não estava conseguindo perguntar.

“Ela teve um derrame, faz uns dois anos. Dois meses na UTI do hospital, e quando saiu de lá... bom, aí começou uma nova vida para nós,” ele explicou.

Depois disso tiveram que se adaptar. Largou o emprego, os sogros o ajudaram a se estabelecer como autônomo, trabalhando de casa, e seus pais arranjaram os primeiros clientes. Assim tinha mais tempo para acompanhar Afrodite nas sessões de fisioterapia e fonoaudiologia. E familiares de ambos os lados vinham para ajudar com a casa e com as idas ao médico.

“Cara, isso é...” não consegui completar a frase, uma enxurrada de lugares-comuns entraram em minha mente, falar sobre como isso era lindo, que um dia ele seria recompensado pela bondade, e assim por diante. Na verdade eu não sabia o que falar. “Isso é pouco pelo que ela fez por mim, e para mim,” Isaac concluiu em meu lugar. “Eu era um perdido e baladeiro, antes de conhecê-la. Gastava tudo o que ganhava com bugigangas e tranqueiras, jantares fora, bebedeiras, e depois sentia como se tivesse... nada. Mas ela entrou em minha vida, e só de começar a fazer planos para casar, comprar uma casa, ter filhos.. eu comecei a ver que havia algo para eu... para nós construirmos juntos.”

E então um dia veio o derrame. Agora, ele tinha uma rotina regrada, usava seu dinheiro com sabedoria. Cada passeio era aproveitado ao máximo, e mesmo um banho de sol era uma festa. E quando o cansaço parecia prestes a derrubá-lo, ele olhava para a bela Afrodite, e sentia que tudo aquilo valia a pena, e vinham forças para fazer um pouco mais. O que quer que fosse, para cuidar da esposa.

O jantar foi meio que esquecido. Afrodite tomava suco de fruta com um espessante, uma coisa em pó usada para engrossar os líquidos e impedir que ela engasgasse – Isaac me explicou isso. Ele a abraçou, sob os protestos de dona Rita, que alertava para não apertar com força, pois havia acabado de comer. Pensei comigo algo que não ousaria dizer, e meu amigo mostrou-se quase um telepata, pelo meu olhar perdido diante daquela cena.

“Por quanto tempo mais, você deve estar se perguntando, né?” ele disse, respirando fundo. “Por toda a vida, e seria pouco.”

Vi de soslaio dona Rita enxugando uma lágrima, ao ouvir aquela declaração.

Conversamos amenidades, a partir daí. Pouco depois me despedi, e abracei Afrodite, a deusa que havia abençoado meu amigo Isaac, e tomei meu caminho de volta. Entrei em meu carro, dei a partida, e segui noite adentro, para a vida de trevas e solidão ao qual estava acostumado. Havia testemunhado algo que eu duvidava que existisse, e dali por diante seria impossível deixar de buscar para mim o que meu amigo tinha encontrado. Era o Amor.





Apresentamos o Poema Simplesmente e Eternamente

Por Meire Marion

Sobre a autora: Professora de inglês, língua e literatura desde 1982, quando voltou dos Estados Unidos após ter vivido lá por 11 anos. Escritora dos livros infanto-juvenis Charlie the Fish (2018), O primo do Charlie(2018), O menino que não sabia de onde veio (2021) e Dois Gatinhos(2021). Também participa de diversas antologias com poemas e contos. Gosta de lecionar, ler, escrever, cozinhar, viajar e gatos.

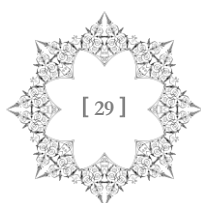


Paixão explode à primeira vista;
Um olhar, um toque, ou uma palavra dita.
Um belo sorriso que transmite tanto sentimento,
Vivido, sentido sem arrependimento.

Amor transborda pelos poros
Num simples pensar no outro,
Seja amante, amigo ou de sangue.
Abraços, beijos, trocas, almas e corpos.

O simples ato de doar-se.
Estimar deliberadamente.
Amar, uma emoção que se-vive,
Mesmo o físico não estando mais presente.

Simplesmente amar.
Amar simplesmente.
Eternamente amar.
Amar eternamente.





Apresentamos o Poema Amizade sincera

Por Natan Oliveira Ferreira

Sobre o autor: Professor de língua inglesa e portuguesa há 09 anos.

É cantor, poeta e ensaísta nas horas vagas.

Além disso, gosta de ler como exercício de fruição e reflexão.

Tem formação em Letras com especialização em Língua Portuguesa e Psicologia.

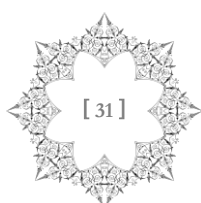


Total consciência do vazio
Total consciência da solidão
Eus aprisionados em um só coração
Mas, por que, então, preciso constantemente de ti?

Quando te olho, medo de tocar-te, perder-te
Quando te perco, medo de perder-te de vez
Quando me afasto, palpita-me a solidão
Por que preciso constantemente de ti?

Me arrumo ao teu encontro
Me deixo ao teu dispor
Me encho de ternura e medo
Por que, então, preciso constantemente de ti?

Quero te matar da vacância da minha presença
Quero sufocar-te com meu desprezo
Quero que saibas que desprezo, porque amo ardentemente
Amor tão indizível que nem estruturas paralíticas
me solucionam a questão.





Apresentamos o Conto

Nayana

Por Roberto Schima

Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu", "Era uma Vez um Outono" etc. O conto "Ao Teu Dispor" foi premiado na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse). Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.



Quando as primeiras folhas de outono principiaram a cair.

Quando um aperto indefinível no peito, alertou que era hora de parar.

Quando as lembranças feito ondas, chocaram-se insistentes no penhasco da consciência.

Eu retornei.

De tantos lugares que percorri, agora, perto do fim da vida, faço o papel de salmão e volto para o recanto em que nasci. Finjo para mim mesmo que vim por causa das memórias de infância, da casa em que vivi, das ruas que percorri, dos colegas com os quais explorei os arredores a procura de aventuras, das bancas de jornais onde comprava gibis e figurinhas, dos bares cujos doces eu adorava.

Não é bem assim.

A casa em que vivi não existe mais faz tempo, demolida que foi para dar lugar a uma habitação maior e mais moderna.

A velha rua de terra batida cedeu lugar ao asfalto, novas moradias e, não fosse por eu saber o endereço estar correto, mal a teria reconhecido, tão diferente ficou.

Quanto aos colegas e amigos do tempo de criança, há muito se foram, assim como eu fui, cada qual seguindo seu caminho nos meandros da vida e, certamente, alguns sequer vivem mais.

As bancas de jornais sumiram feito sementes de dente-de-leão, levando as vozes do Pato Donald e seus sobrinhos, da Mônica, do Cebolinha, e as centenas de figurinhas que ganhei e perdi no bafo.

E quanto aos bares — Ah, os bares! —, faz tempo que perderam lugar para os supermercados: reluzentes, bem organizados e impessoais. Mas ao menos o velho prédio de esquina do bar do Seu Álvaro continua no lugar. A porta de ferro está fechada e não sei o que funciona lá dentro. No bar, eu adquiria maria-mole, suspiro e doce de abóbora. Seu Álvaro sempre me dava um doce a mais. E eu sempre voltava lá.

Sim, são lembranças preciosas, porém, a razão principal de eu ter retornado foi ela.

Nayana.

Era a menina do outro lado da rua. Aquela amizade de infância que, mesmo sem saber o que era o amor, sabia que a amava. Era a amiga que, apesar das brincadeiras tolas de casinha, comidinha, saladinha e outras coisas terríveis, ainda assim eu suportava, pois, desse modo, ficava ao lado dela e a deixava contente. Juntos, experimentamos o primeiro beijo, imitando cenas da televisão. O nervosismo ficou a flor da pele, uma

tremedeira só. Mas depois que acabou, pensamos: "É só isso?" Achamos um tanto sem graça e continuamos a brincar.

Quando nos tornamos adolescentes, as coisas ficaram mais sérias e as brincadeiras não eram tão brincadeiras assim. Numa paródia da expulsão de Adão e Eva do Paraíso, havia uma certa inibição em nossos contatos mais íntimos, um toque aqui e outro ali, pois agora tínhamos uma maior noção daquilo que estávamos fazendo. Não era somente um "brincar de médico" e saciar da curiosidade. O desejo pincelava na tela de nossos corpos.

Nossos pais tinham certeza de que iríamos namorar, noivar, casar e ter filhos. Torciam muito para isso, pois significaria que passariam a ser mais do que meros amigos.

Eu achava isso tudo muito estranho. Não cogitava uma vida longe de Nayana, porém, também achava intimidador a ideia de constituir família fosse com ela ou não. Sabia que não ficaria muito tempo naquele lugar. Meus sonhos eram elevados demais para serem limitados a uma pequena rua, numa vila sem maiores atrativos de um canto qualquer da cidade. Eu queria fugir da gaiola e voar!

Nayana, pelo contrário, tinham raízes fortes e profundas com o lugarejo, a família, os amigos. Não se via levando uma existência para além dos limites do que lhe eram familiares e davam-lhe uma sensação de segurança e aconchego.

Era um impasse que os tempos de faculdade decidiram por si.

Fui estudar em outra cidade, muito longe dali.

A despedida foi difícil, todavia, no meu caso, a mente logo se viu ocupada com centenas de matérias e outras preocupações. Mal havia espaço para Nayana. Visitava minha casa nas férias e, então, púnhamos as conversas em dia. Era estranho revê-la desse jeito. Agíamos mais como dois irmãos. Com o passar dos anos, trabalhando e estudando, minhas idas para casa foram rareando. Depois, meus pais se mudaram. Então, deixei de ir lá para sempre.

Se uma ponta de remorso cutucou meu coração, eu ignorei, inventando mil desculpas. Haveria tempo, pensava eu.

Depois, conheci aquela que se tornaria minha esposa e, assim, deixei de sentir pesar. Foi mais um casamento de conveniência. Um pouco mais que amizade, porém, nunca chegou a ser amor.

Mas os anos correram e, como costumam dizer por aí, a vida é um sopro.

Tive filhos e, a exemplo do que eu fiz, eles seguiram seus caminhos.

Há cerca de um ano, minha esposa se foi após longa enfermidade.

Agora, velho, cansado e sozinho, senti um ímpeto de retornar para onde tudo começou.

Cá estou.

O que eu esperava encontrar?

Quase nada do meu passado existe mais. Sequer a atmosfera, mais poluída e barulhenta, é a mesma. Os rostos me são estranhos, a maioria é mais nova do que eu. Das casas antigas, poucas restaram e, assim mesmo, alteradas por várias reformas. Reconheço uma grade aqui, um piso de cacos vermelhos ali, um registro de luz acolá. Pequenos fantasmas de um passado longínquo.

E quanto a Nayana?

Teria eu a presunção de que ela continuasse por aqui? Assim como a minha, sua casa foi demolida; o passado, varrido desta rua, desta vila, desta cidade. Se ele existe, está dentro de mim — fragmentos em minha mente e em meu coração — e não em um lugar específico. O que eu busquei não mais existe, exceto em minhas recordações.

Eu sinto um aperto na garganta.

Compreendo o quanto amei Nayana.

Tarde demais lamentar não ter dito isso.

Arrependo-me do impulso que me fez partir.

Sou dominado pela solidão no epílogo do existir.

Mal me dou conta ao perceber uma senhora idosa a fitar-me. É como se ela tentasse ler nas rugas de meu rosto e em meu corpo alquebrado, as linhas de seu próprio passado, os retalhos de sua própria vida. E, ao reconhecer a caligrafia comum que nos uniu em uma época na qual poeira se transformou, aperta suas pálpebras marejadas. No aflorar do tremor em sua pele de pergaminho, trôpega, ela foge.

Nayana!

Corre de mim.

Corre de seu passado.

Corre daquilo que não foi dito.

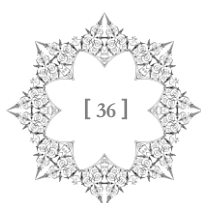
Corre de um futuro que não se realizou.

NOTA DO AUTOR:

Sinto apreço por este texto em face dos sentimentos que evoca: nostalgia, melancolia, perda. Ele já foi publicado na antologia "A Vida é Muito Curta..." (Projeto Apparere) e na "Revista LiteraLivre" nº 32, de Ana Rosenrot.

<http://www.apparere.com.br/venda-coletanea-a-vida.php>

<http://revistaliteralive.blogspot.com/2022/03/revista-literalive-32-edicao.html>





Apresentamos o Poema

Amigo

Por Sellma Luanny

Sobre a autora: Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de cinco e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.



O que significa "amigo"?

Não o sei direito...

Quem é amigo?

Ah, sei-o bem, sinto!...

Aquele que brilha refletido em meus olhos,
suas palavras alimentam minha existência,
sua doçura, o meu coração.

E como prezo um amigo!

Um amigo como você, creio.

Quando a vida parece confusa,
quando tudo fica sombrio,
você me acrescenta.

Em você, confio.

Em suas palavras,
quase sempre doces,
a procura por conforto e entendimento,
num afã por equilíbrio.

Esses diálogos, uma necessidade.

Essencial é sua presença,
mesmo distante.

E a vida vai se desfazendo.

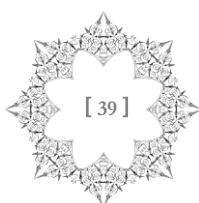
A natureza fragilizada, esvaindo.

Mas sua amizade conforta.

E, no inverno que se vislumbra,
há de tornar suportáveis,
os dias mais frios.

Só tenho a lhe agradecer,
amigo.
Não por me entender sempre.
De diferentes barros e cores, somos feitos.
Mas pela sua incondicional paciência
para com este complicado ser.

A temporalidade nos prende
nesta realidade e espaço.
Até quando, quem sabe?
Ninguém.
E isso nos limita.
É triste...
Mas também, belo...
Pela simples coincidência de nossas vidas.





Apresentamos o Poema Mãe

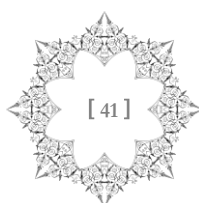
Por Sellma Luanny

Sobre a autora: Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de cinco e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.



Quando pequenina,
mais do que minha mãe,
eu a ti, sentia.
Tu eras a minha estável,
inexpugnável fortaleza.
Um templo, para mim, tu eras...
Onde eu descansar, podia.
Em paz... protegida.

Sensações de presença e dedicação.
Placidez como a de um sereno lago,
por flores circundado...
Contínua primavera.
O calor de um sol imutável.
A apoiar infantis empresas,
o amor indiscutível...
o sempre presente amor...
de mãe!





Apresentamos o Poema — Afinal, O Que É?

Por Sellma Luanny

Sobre a autora: Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de cinco e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

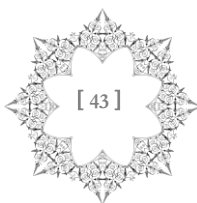


Quem mo consegue explicar?
Quem bem miudinho, o rasga?
Quem nas entrelinhas, o decifra?
Quem realmente, o domina?
Definições lógicas, prontas,
arrumadinhas... é tudo que quero.
Se tem qualquer segredo
em si, guardado,
desvendam-no... imploro!
Digam-me! Tenho ânsia...
Tenho curiosidade
a arder-me as entranhas.

A verdade... seria
de duas... quatro... (Não!)
inúmeras faces, então?!
Ou verdade nenhuma, seria?

No impalpável, insistir...
Aborrecido!
Nisso, nada uníssono nada igual.
Da mãe, do pai, do parceiro...
As mesmas veias, os mesmos nervos,
não percorre.
Hormônios, fluidos e células,
desiguais.
Com as nossas tolices,
a relatividade a brincar!

Sensações... imprecisos sentidos...
descompromissados.
Nada de mais ou de menos, vero.
Nada de mais belo, nem feio também.
Nada que a loucura de cada um,
ultrapasse.
Parece nunca o saber definir,
quem o sente.





Apresentamos o Poema **Teu amor**

Por Suelen Farias

Sobre a autora: Artesã, casada, mãe de 3 filhos. Mora no Paraná. Desde pequena já demonstrava apresso pela leitura. Recentemente, encontrou na escrita uma forma de expressar todas suas emoções. Por amar tanto histórias, decidiu criar as suas.



Exteriormente sou o melhor de mim o tempo todo.
Interiormente, um caos.
Um profundo e caótico tsunami de pensamentos e emoções.
Uma desordem instalada.
Penetrada na alma e no coração.

Eu sou uma farsa, uma fraude.
Uma grande e bem contada mentira.
Eu engano bem.
Até a mim mesmo!

Não compreendo seu amor por alguém como eu.
Conheces-me, na minha pior versão.
Viste minha alma nua.
Adentrou na podridão do meu coração.

Eu não mereço seu amor.
Embora esse amor seja tudo que preciso.
Desesperadamente preciso.
Anseio, almejo.

Eu me perco em mim mesmo.
Me encontro em você.
Sou uma terrível tempestade.
Horripilante e violenta.
Seu amor é calma.
Traz paz e alegria.

Nunca lhe dei motivos para me amar.
Por isso sei que me amas de verdade.
Um amor sem reservas.
Um amor que espera.

Teu amor brilhou como o primeiro raio de sol do dia.

Transformando minha noite em dia.

No meu rosto brotou um sorriso.

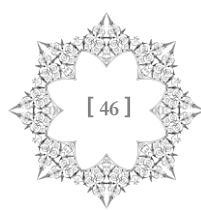
Nunca antes por mim conhecido.

Meu coração solitário como um deserto.

Teu amor preencheu, acalmou e me trouxe para perto.

Minha vida vazia.

Em teu amor, fiz moradia.





Apresentamos o Conto **Uma amizade** **peculiar**

Por Yuit Distéfano

Sobre o autor: Formado em direito, servidor na Universidade de Brasília e aspirante a escritor. Deseja aperfeiçoar sua escrita através do conhecimento e da paciência.



Tudo começou na pequena Ilha do Sossego, localizada ao norte do continente americano. Um trivial ponto marrom no meio do misterioso mar azulado. Sua extensão territorial mal podia ser considerada um município.

Era verão, um pouco antes do início da temporada de tempestade. No topo da colina e embaixo de uma vistosa palmeira, repousava um enorme labrador de pelos alaranjados. Seu nome era Zeus, e ironicamente tinha medo de trovões.

Os nativos o conheciam como guardião da ilha, pois sempre permanecia no mesmo local, observando atento tudo que acontecia no oceano. Desde que havia sido deixado para trás por sua família, aquele era seu lugar de refúgio.

Naquela manhã praticamente não havia nuvens no céu. O sol refletia na superfície do oceano, deixando o mar oscilando entre as cores azul claro e verde esmeralda.

Enquanto se distraía contando o número de gaivotas no horizonte, Zeus notou algo fora do comum dentro da água. Uma mancha acinzentada atravessava por entre as ondas como se fosse uma flecha que acabara de ser disparada contra o vento.

Curioso, se levantou e foi até a praia. Talvez tenha sido a primeira vez que tenha corrido desde que começou a morar no topo da colina.

Chegando na praia, a silhueta não estava mais lá. As correntes marítimas eram traiçoeiras e caso não desse a devida atenção, corria o risco de ser jogado contra as rochas. Muitas embarcações tiveram esse destino cruel.

Sabendo da possibilidade, foi até a costa para verificar o ocorrido. Ficava triste só em pensar que alguém podia estar ferido.

Já no local, um cheiro peculiar chamou a sua atenção. O aroma era igual ao da peixaria no centro da cidade. Em frente, dentro de uma pequena piscina natural, encontrava-se um enorme animal de pele cinza.

— Ei, cão! Não se aproxime — disse o animal aquático.

— Vi sua sombra lá de cima e queria saber do que se tratava.

— Agora que tem sua resposta, pode ir embora!

— Parece que você está preso? Não gostaria de uma ajuda?

— Não preciso de ajuda. Em breve, a maré vai encher e eu poderei ir embora.

— Essa é a sua primeira vez na ilha, não é mesmo?

— Como você sabe disso? — O animal acinzentado recuou para trás.

— Já estamos no verão e em breve a temperatura irá aumentar. Essa piscina logo estará seca.

— E por que você gostaria de me ajudar? Não tenho nada para te dar em troca.

— Também não tenho nada para pedir. Só tenho a oferecer a minha ajuda. Meu nome é Zeus.

— Meus amigos me chamam de Speed.

— Speed? Que nome engraçado.

— Meus amigos me deram, após acharem uma caixa de metal no fundo do mar. Disseram que eu era parecido com o desenho pintado na lateral.

— Ótimo. Agora vou ali na praia pegar umas tábuas e já volto — Zeus então sumiu por entre as pedras. Após alguns minutos, retornou com algumas tábuas entre os dentes — Podemos utilizá-las como alavanca.

Após algumas tentativas, enfim conseguiu fazer com que Speed deslizesse para a piscina mais profunda. O risco de desidratação estava afastado.

— Você deve conseguir sair durante a madrugada — Zeus começou a se distanciar.

— Onde você está indo? — Speed nadou até a borda.

— Achei que queria ficar sozinho.

— Não quero! Eu só disse aquilo, pois estava com medo de ser devorado.

— Jamais te comeria. Eu odeio peixe.

— Não sou peixe. Sou um golfinho!

— É a primeira vez que ouço falar dessa espécie. E que raios, você veio fazer aqui?

— Durante a noite, meu grupo foi atacado por pescadores. Na agitação, acabei fugindo para cá — Speed mostrou umas cicatrizes que tinham na cabeça.

— Sinto muito. Posso ficar aqui até que consiga sair.

A conversa perdurou durante toda a madrugada. Zeus contou sobre sua vida na ilha, enquanto Speed relembrava suas aventuras em alto mar. Pelas risadas, os dois pareciam amigos de longa data.

Os dias passaram e o laço de amizade ficava cada vez mais forte. Toda manhã, o cão ia até o mar para se divertir com seu amigo aquático.

Certo dia, enquanto Zeus acabava seu café da manhã, um som estridente se propagou pela praia. Dois garotos gritavam com Speed. Ele também não parecia feliz. Apenas esperava a onda certa para se aproximar e enfim conseguir mordê-los.

Vendo a confusão, Zeus se dirigiu ao lugar. Quando o enorme cachorro se aproximou, os garotos se assustaram e correram até o vilarejo.

— O que você estava fazendo, Speed?

— Ia morder aqueles humanos.

— São só garotos! Devem estar curiosos com sua presença.

— Não fique do lado deles, Zeus. Eles são o problema do mundo.

— Você não pode generalizar. Existem humanos bons.

— Tipo quem? Igual aos humanos que te deixaram para trás ou os que me atacaram durante a noite? — A voz dele não era mais tão doce quanto antes.

— A vida não é tão preto no branco, Speed.

— Não podemos confiar neles.

— Você também não confiou em mim no início.

— Eu me perdi por causa deles.

— Você ainda pode encontrar seu grupo. Só precisa de coragem para voltar para o oceano.

— Não ache que sou covarde. Sou bem corajoso, ao contrário de você, que fica até hoje lá no topo esperando os humanos que te abandonaram — Speed afundou a cabeça na água.

Zeus então abaixou as orelhas e retornou em silêncio para a colina. Speed começou a nadar de um lado para outro, soltando grunhidos irritados. O silêncio durou por mais alguns dias.

A temporada de tempestade chegou com fúria na ilha. Zeus permaneceu escondido em sua casinha recém adquirida. Os moradores haviam o presenteado, como forma de agradecimento por seus serviços de guardião da ilha.

As gotas caíam como adagas e as ondas ficavam cada vez mais altas. O pobre cão odiava trovões.

Um forte extrondo o fez sair assustado. A fúria do mar lhe causava apreensão. Observou uma mancha cinza se debatendo no mar. Mesmo com as patas tremerem, ele correu até a praia. Sabia que seu amigo precisava de ajuda.

Speed apresentava sinais de cansaço de tanto lutar contra as ondas. Devido a agitação do mar, uma rede de pesca acabou se prendendo em sua cauda, dificultando sua movimentação.

— Speed! Vem para perto da praia! — a voz de Zeus foi tão alta que abafou o barulho da chuva.

A manobra era arriscada, tanto para ele quanto para seu amigo. Porém, essa era sua única chance de escapar com vida.

Sentiu a areia arrastar em sua barriga, enquanto que Zeus lutava para não ser engolido pelas ondas. Utilizando-se de seus dentes afiados, o cachorro rasgou a rede com determinação. Em seguida, Speed nadou para próximo do cais. O cão, por outro lado, mergulhou por baixo das ondas e com muito esforço conseguiu chegar até a praia.

A tempestade durou a noite inteira. Os estragos se espalharam por toda ilha. Zeus enfim pode respirar, quando os barulhentos dos trovões cessarão. O sol brilhava com felicidade naquela manhã.

O cão então voltou para praia e percebeu que Speed já o esperava no cais.

— Que bom que está bem — disse Zeus.

— Se não fosse por você, teria morrido nas rochas. Me desculpe pela grosseria daquele dia.

— É para isso que servem os amigos. Você vai continuar na ilha?

— Acho que está na hora de enfrentar o oceano. Se você conseguiu derrotar a tempestade, eu também consigo vencer o medo de águas profundas. Mas antes queria me despedir e agradecer pela companhia.

— Vou sentir saudades de nossas brincadeiras.

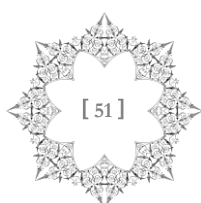
— Espero que a gente se encontre no futuro! Outra coisa, você precisa se aventurar novamente. As pessoas podem achar outro guardião da ilha.

— Vou pensar na ideia — Zeus balançava a cauda com excitação — desejo boa sorte, amigo!

— Digo o mesmo.

Speed seguiu para o oceano no final da tarde. Já Zeus, continuou em sua colina pelos dias que seguiram.

Ouvir notícias que o valente golfinho conseguiu achar seu grupo e agora estão viajando pelas costas das ilhas caribenhas. Porém, não tenho mais notícias de Zeus, desde que enfim decidiu voltar a correr.





Apresentamos o Conto

A procura

Por Yuit Distéfano

Sobre o autor: Formado em direito, servidor na Universidade de Brasília e aspirante a escritor. Deseja aperfeiçoar sua escrita através do conhecimento e da paciência.



Você deve está se perguntando o que posso está querendo nesse vilarejo abandonado por deus. Logo eu, um homem elegante e espirituoso, que se fosse sábio o bastante não passaria nem perto de uma espelunca parecida com essa. Com todo o respeito, é claro!

Não tenho a intenção de alongar esse relato mais do que o necessário, porém, será de grande valia solucionar de uma vez essa sua expressão de curiosidade e inquietação, que observo por trás de seus lábios cerrados e os olhos esbulhados, profundos, tal como as águas que cercam esse pequeno amontoado de terra.

Para seu espanto, a resposta que carrego não poderia ser tão previsível. Um simples nome é capaz de esclarecer todo esse enorme imbróglio que infelizmente me encontro. “Francis d’ juan”, esse é o traste que motivou a saída da minha calorosa residência e me fez atravessar meio continente. Florestas soturnas e desertos sombrios não foram suficientes para deter minha vontade de achar esse insolente, também conhecido como amigo.

Pode parecer confusa, porém à medida que continuemos com nossa conversa, as respostas irão aparecer e você terá sua satisfação e completude de volta em seus olhos. Para tanto preciso revisitar alguns fatos para completar o restante dos acontecimentos.

Para iniciar, tenho que retornar a um passado deveras longínquo. Como pode perceber, esse narrador não é mais tão jovem quanto sua aparência parece iludir. Tive uma vida saudável e próspera. Algo raro nos tempos em que vivemos. De qualquer forma, conheço ele desde a infância.

Eu e Francis viemos da mesma região. Um pequeno ponto retangular, bem no meio do país mais vistoso e poderoso que esse mundo um dia veio a sonhar. Desde pequeno sempre fui um contador de histórias, ao contrário de Francis que sempre preferiu a ação do que as palavras. Engraçado pensar como ele sempre esteve preparado para uma aventura. Não era o tipo de pessoa que conseguiria se acomodar em estilo comum e rotineiro. Na verdade, foi através dessa inquietação que entramos nessa confusão. Esse é Francis, o encarregado de enrascadas.

Quando nos conhecemos mal tínhamos idade para andar. Sua família havia se mudado para uma casa no final da avenida, bem próxima da residência que morei por tantos anos junto com minha amada mãe. Meu pai, aquele bastardo, havia nos abandonado assim que nasci. Nunca deu nada além de uma esperança vazia que florescia

dentro de meu inocente coração. Porém, essa não é uma história de abandono paternal e sim sobre o misterioso sumiço de Francis.

Então, desde nossa infância, a ligação entre nossas famílias era forte e sincera. Andávamos juntos para todos os tipos de lugares. Escola, parques, riachos, sempre era eu e Francis. Não demorou para que pensássemos que éramos irmãos. Lá vem os irmão d' Juans, era assim que éramos conhecidos no vilarejo. Por ser mais alto e corpulento, ele sempre foi visto como o irmão mais velho, apesar de termos a mesma idade.

Das inúmeras aventuras que tivemos na infância, a que mais me marcou foi uma vez que Francis corajosamente se colocou à frente do perigo, me defendeu de uma inevitável surra. Na época, eu tinha o costume de ludibriar os garotos com figurinhas falsas, contudo, não fui hábil o bastante com as falsificações. Se não fosse por Francis, com certeza teria cicatrizes até hoje. Esse era Francis, um verdadeiro protetor.

Nossas opiniões e gostos acabaram se distanciando ao longo dos anos. Todavia, o grande ponto de divergência aconteceu quando estávamos saindo do mundo escolar e entrando no mundo adulto. Estávamos na etapa de escolher uma carreira e naquele ano tinha acabado de ser disponibilizada uma vaga para aprendiz no maior banco do município. O pagamento era generoso e fez com que ambos se candidatassem para a oportunidade.

O gerente simpatizou rapidamente com Francis. Ele sabia utilizar bem seu charme robusto. Nos primeiros dias percebemos que a vaga já era dele. Para surpresa de todos, foi eu que acabei contratado. Depois de um tempo, descobri que Francis havia desistido da vaga e insistido para o chefe me contratar. Ele sempre foi generoso.

Segui carreira no banco por praticamente toda minha vida. Enquanto que ele decidiu ir para o exército. Lembro de ouvi-lo dizer que a vida de banco era muito chata para caras como ele. Francis precisava ver e viver o mundo.

Depois disso, nossos encontros se tornaram pontuais. Pelo menos uma vez por ano, nos reunimos no bar da Raposa para relembrar eventos passados. Eu fiquei encantado com os relatos aventureiros que ele trazia para nossas reuniões. Não sei se existe homem no mundo que tenha visitado tantos lugares como ele dizia. Um eterno espírito livre. Esse era Francis.

Quando enfim deixei minha vida cafaíste de lado, Francis foi meu convidado de honra no meu matrimônio. Com poucas palavras, seu discurso fez a todos chorar. Suas aventuras lhe fizeram um homem gentil e sábio.

Através do que disse, já é possível ter uma noção do tipo de homem que Francis era. Então, chegamos no evento que motivou minha visita nessa humilde taverna. Há meses atrás, recebi uma carta dele, bem na época que acontecia nossas reuniões anuais.

A carta trazia intrigantes notícias. A primeira dela era que ele não conseguiria me visitar como fez nos anos anteriores. Estava agora no outro lado do mundo e devido a seus compromissos não poderia se deslocar tamanha distância para me visitar.

O seu relato continuou com sua saída do exército e a adoção de seu novo estilo de vida. Agora era autônomo e prestava pequenos tipos de trabalhos. Desde tarefas de caças até vigilâncias noturnas.

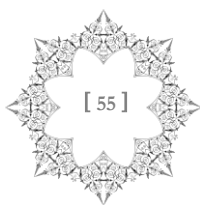
Enquanto vivia na região, acabou sendo contratado por um prefeito de um vilarejo isolado no topo das montanhas. É nesse momento que as coisas começam a ficar estranhas. No local, todas as semanas havia pelo menos uma pessoa desaparecida. Algumas pessoas chegaram a retornar, contudo, todas apresentavam sinais de loucura. Esquecidas, agressivas e desordeiras. Eram assim que voltavam para o vilarejo.

Os habitantes sofriam desesperados, sem saber o que fazer. Conhecendo Francis, tenho certeza que ele se tornou voluntário para a tarefa. Ele finalizou o documento reforçando para que eu não se preocupasse e que logo estaria de volta.

Agora você sabe a causa do meu sofrimento. Desde essa misteriosa comunicação, não tenho mais notícias dele. Como verdadeiro amigo, não posso deixar de me preocupar. Decidi de coração aberto fazer essa viagem para encontrá-lo. Não minto que desde que saí de minha casa só encontrei infortúnios.

Porém, essa é minha chance de retribuir tudo que já fez em meu nome. Você deve estar se perguntando o que irei fazer caso eu encontre Francis sem suas plenas capacidades mentais. Tenho que afirmar, que caso seja esse o destino, então que seja eu o responsável por dar fim a essa angústia. Para isso que servem os amigos, não é mesmo?

Agora me de meu último copo, pois a viagem até o topo da montanha é longa.



CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**